

SÉRIE VIVÊNCIAS EM EDUCAÇÃO E SAÚDE

Alcindo Antônio Ferla
Cristianne Maria Famer Rocha
Ananyr Porto Fajardo
Daniela Dallegrave
Eloá Rossoni
Vera Lucia Pasini
Rafaele Garcia Sonaglio

Organizadores

Residências e a Educação e Ensino da Saúde:
Tecnologias Formativas e o
Desenvolvimento do Trabalho

1ª Edição
Porto Alegre/RS, 2017
Rede UNIDA

Coordenador Nacional da Rede UNIDA

Júlio César Schweickardt

Coordenação Editorial

Alcindo Antônio Ferla

Conselho Editorial

Adriane Pires Batiston – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil
Alcindo Antônio Ferla – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil
Àngel Martínez-Hernández – Universitat Rovira i Virgili, Espanha
Angelo Steffani – Universidade de Bolonha, Itália
Ardigó Martino – Universidade de Bolonha, Itália
Berta Paz Lorido – Universitat de les Illes Balears, Espanha
Celia Beatriz Iriart – Universidade do Novo México, Estados Unidos da América
Denise Bueno – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil
Dora Lucia Leidens Correa de Oliveira – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil
Emerson Elias Merhy – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil
Francisca Valda Silva de Oliveira – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil
Izabella Barison Matos – Universidade Federal da Fronteira Sul, Brasil
João Henrique Lara do Amaral – Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil
Julio César Schweickardt – Fundação Oswaldo Cruz/Amazonas, Brasil
Laura Camargo Macruz Feuerwerker – Universidade de São Paulo, Brasil
Laura Serrant-Green – University of Wolverhampton, Inglaterra
Leonardo Federico – Universidade de Lanus, Argentina
Lisiane Böer Possa – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil
Liliana Santos – Universidade Federal da Bahia, Brasil
Luciano Gomes – Universidade Federal da Paraíba, Brasil
Mara Lisiane dos Santos – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil
Márcia Regina Cardoso Torres – Secretaria Municipal de Saúde do Rio de Janeiro, Brasil
Marco Akerman – Universidade de São Paulo, Brasil
Maria Luiza Jaeger – Associação Brasileira da Rede UNIDA, Brasil
Maria Rocineide Ferreira da Silva – Universidade Estadual do Ceará, Brasil
Paulo de Tarso Ribeiro de Oliveira – Universidade Federal da Paraíba, Brasil
Ricardo Burg Ceccim – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil
Rossana Staevie Baduy – Universidade Estadual de Londrina, Brasil
Simone Edi Chaves – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil
Sueli Goi Barrios – Ministério da Saúde – Secretaria Municipal de Saúde de Santa Maria/RS, Brasil
Túlio Batista Franco – Universidade Federal Fluminense, Brasil
Vanderléia Laodete Pulga – Universidade Federal da Fronteira Sul, Brasil
Vera Lucia Kodjaoglanian – Fundação Oswaldo Cruz/Pantanal, Brasil
Vera Rocha – Associação Brasileira da Rede UNIDA, Brasil

Comissão Executiva Editorial

Janaina Matheus Collar

João Becon de Almeida Neto

Projeto gráfico – Capa/Miolo/Diagramação

Renan Albuquerque

Revisão

Mônica Ballejo Canto

Renan Albuquerque

Bibliotecária Responsável

Jacira Gil Bernardes

Copyright 2017: Permitido o uso deste trabalho para fins não comerciais, desde que atribuída autoria. Esta licença pode ser consultada em: <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

R433 Residências e a educação e ensino da saúde : tecnologias formativas e o desenvolvimento do trabalho [recurso eletrônico] / Alcindo Antônio Ferla ... [et al.] organizadores. – 1.ed. – Porto Alegre : Rede UNIDA, 2017.
184 p. : il. – (Série Vivências em Educação na Saúde)

ISBN: 978-85-66659-79-5

DOI: [dx.doi.org/10.18310/978-85-66659-79-5](https://doi.org/10.18310/978-85-66659-79-5)

1. Residência multiprofissional em saúde. 2. Educação em saúde. 3. Atenção à saúde. 4. Saúde da Família. 5. Recursos humanos em saúde – Formação profissional. 6. Sistema Único de Saúde. Ferla, Alcindo

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO-CIP

Bibliotecária responsável: Jacira Gil Bernardes – CRB 10/463

Todos os direitos desta edição reservados à Associação Brasileira Rede UNIDA
Rua São Manoel, nº 498 - CEP 90620-110, Porto Alegre – RS Fone: (51) 3391-1252

www.redeunida.org.br

Narrativas poético-amorosas: encontro entre a saúde mental coletiva e as relações étnico-raciais na educação

Danielle Celi dos Santos Scholz

Daniele Noal Gai

Simone Borges

Leira Salete Teixeira

Este capítulo é um recorte do Trabalho de Conclusão da Residência Integrada Multiprofissional em Saúde Mental Coletiva, que será narrado pela primeira autora, a partir das experiências dela, como residente deste Programa, contando com a contribuição da orientadora e preceptoras de campo, coautoras deste capítulo e profissionais que fizeram parte dessa trajetória. Para contar esse percurso foi construída uma narrativa com poesias e trechos de autores estudados ao longo da Residência.

O objetivo é narrar as pequenas sutilezas que engolem preconceitos, especialmente afirmam a vida e o amor vivenciadas a partir de um olhar ampliado da Atenção Psicossocial que se encontra com as relações étnico-raciais no campo da educação e percebe seu potencial a partir de práticas cotidianas na saúde mental coletiva. Enquanto cartografava minhas experiências, encontrava sentidos nas palavras, e na poesia, para descrevê-las. Em meio à loucura na Residência em escola, o reconhecimento do negro pelo amor. Os fragmentos, que não chamarei de citações, são entendidos aqui como: poético-amorosos. Isso se deve à temática que pretendo colocar em destaque, afirmando, pelo amor, o encontro entre saúde mental coletiva e as relações étnico-raciais na educação.

A possibilidade de vivenciar a formação em serviço na residência de saúde mental no campo da educação é parte da construção de um processo de formação que compreende a Atenção Psicossocial como lógica de atenção que perpassa o biopsicossociocultural e, deste modo, interage com o campo da educação e principalmente com as relações étnico-raciais, tendo em vista a interlocução desta questão com a saúde mental coletiva, principalmente ao dialogar acerca das produções de sofrimento em função do racismo e da discriminação racial no Brasil.

Fazer parte de um coletivo dedicado às questões étnico-raciais, com ideologias, utopias, amores e dissabores foi-me possibilitado ainda na graduação. Ser integrante do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiro da UNIPAMPA, na cidade de Uruguaiana/RS, proporcionou-me vivenciar a coletividade. Principalmente pelas discussões das relações étnico-raciais é que essa experiência tomou força em meus movimentos de vida e em minha formação profissional. Naquele momento, de minha formação em enfermagem, o encontro com as conceituações, discussões, projetos e escritas experienciadas faziam com que eu reconhecesse o quanto estava sendo subjetivada por esta filosofia de vida africana. Naquela experiência ainda não conhecia o conceito de UBUNTU, a seguir descrito.

Ingressar no Coletivo da Residência Integrada Multiprofissional de Saúde Coletiva, do Núcleo EducaSaúde, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, foi uma experiência de fortalecimento do conceito e da prática de coletivo que eu tinha. Um lugar de acolhida, afeto, trabalho, experiências e abraços. Há, sim, abraços!! Muitos abraços, que reaprendi a dar e

receber. Experiências de viver e refletir a Ética Africana tive com o grupo de colegas Residentes e com meus professores. Neste Núcleo é que foram definidos os campos de experiência com os quais aprendi a *Ética da experiência pela paixão*.

Integrar um grupo que fale sobre a filosofia UBUNTU, que a materializa de forma artística, e também enquanto postura de ser humano. A Ética Africana vivenciei ao entrar no campo do setor inclusão e diversidade da Secretaria de Educação de Novo Hamburgo/RS. Este coletivo de potências de vida, que fiz parte durante um ano, deixou marcas para sempre no meu coração. Estas marcas fazem lembrar diariamente que devemos acreditar na potência de vida das pessoas, que “somos porque todos nós somos”. A experiência vivida com este coletivo remete às palavras de Malomalo (2010, p.21) ao descrever que:

o UBUNTU pertence ao pensamento alternativo, que cogita o mundo a partir da complexidade. E é oportuno reafirmar que toda filosofia carrega valores e antivalores. Para a filosofia de ubuntu, não se pode falar de economia e política sem levar em consideração os valores da comunidade cósmica. Os profissionais de todos os campos da teologia, das ciências sociais e da natureza, políticos, o homem e a mulher comuns, todos devem ser ouvidos. O ubuntu luta contra os reducionismos impostos pela razão indolente no fazer política e economia. A democracia participativa em todos os campos é tida como um valor.

Nesta Residência vivi encontros entre coletivos. Falar de coletividade é, então, marcar linhas do meu processo de formação. Quantos pensamentos oriundos do olhar do coletivo vejo hoje que me constituem como trabalhadora. Escolher trabalhar no SUS é o primeiro deles, pois diz mais do que ser “militante”, mas fala do lugar de acreditar em uma nova sociedade, que tem espaços e direitos para todos, independente da sua filosofia de vida. Agregar universalmente e de forma equânime cidadãos na saúde, fala sim de uma construção coletiva.

É assim a Saúde Mental Coletiva, a formação em serviço que possibilita uma imensidão de modos, formas, linhas, itinerários, trajetórias de constituir o trabalhador no SUS e na Saúde Mental. É desta lógica de trabalho e de aprendizagem que trato aqui. Dos encontros com a força UBUNTU, que foi a trilha dos meus caminhos, que narro ao longo deste texto.

Dos caminhos percorridos como cartógrafa na produção das narrativas acerca dos processos vivenciados na Residência, utilizei o método da cartografia para tramar os movimentos da formação em relação às experiências com a temática étnico-racial na educação e na saúde. Em meio a este percurso, não exatamente fazendo uso metodológico linear da cartografia, mas com uso dispositivo e disparador, foram traçadas linhas dos ângulos do percurso, entre os campos percorridos, narrando transformações, percepções, sensações, sentimentos e desejos. Trouxe para narrativa da Residência o que foi registrado e vivido no processo da formação em serviço.

Cartografar é desenhar, tramar movimentações em acoplamentos entre mar e navegador, compondo multiplicidades e diferenciações. Ao mesmo tempo, sustentar uma postura ético-estética de acolher a vida em seus movimentos de expansão segundo implicações políticas do tempo, do perspectivismo, da contingências e da invenção (KIRST et al., 2003, p. 91).

Da multiplicidade de experiências que se entrelaçam neste trabalho, as relações étnico-raciais estão na ordem da paixão despertada nos caminhos da Residência. Conto mais sobre

quais campos a negritude se mostrou e como me envolvi com ela, pela amorosidade, pelas sensações, pela afirmação da cultura exaltante do negro. Narrativas cartografadas versam sobre as diferentes possibilidades de formação em saúde mental coletiva, envolvem o trabalho com a educação e a saúde, conectado com as relações étnico-raciais.

NARRATIVAS POÉTICO-AMOROSAS

Dos encontros com a poesia na construção das relações étnico-raciais na educação

Recebida pelo coletivo do EducaSaúde, lá fui “itinerar”. A escolha dos campos era de deixar o coração pulando pela boca. Pensar novos espaços, colegas, formação, seguir a discussão das relações étnico-raciais, tudo ao mesmo tempo vinha na minha cabeça e no meu coração. O município de Novo Hamburgo me acolheu com abraços fortes e sorrisos largos. Eu que já tinha colocado um pé na Educação resolvi mergulhar. Escolha feita! Setor de Inclusão e Diversidade da Secretaria Municipal de Novo Hamburgo/RS, corre que lá vem o trem, e depois o ônibus, e de lá para o bar e, ainda assim, há muito do que pensar e trabalhar.

Na construção dos planos de ação, tive a oportunidade de ver despertar em mim a arte, por meio das poesias e da invenção. Coloquei-me de forma coletiva com a equipe e com as outras residentes do campo a construir um plano de ação. A temática das relações étnico-raciais, ali, pronta para ser explorada sobre o olhar da saúde mental coletiva e da educação. Vi misturadas as minhas vivências da graduação na discussão sobre a Lei Federal 10.639/2010¹ e um encantamento contagiante a partir das histórias sobre um quilombo a quinze quilômetros na região do interior do município de Novo Hamburgo, onde o setor de inclusão realiza assessoria em diferentes escolas municipais.

Preceptorias, poesias, infância, invenção, inclusão. Nestas linhas é que construímos um plano de ação. Mas faltava alguma coisa para formação tomar corpo, o trabalho fazer sentido e ligar os caminhos que se cruzam entre saúde mental coletiva, inclusão, educação, relações étnico-raciais e infância. Algo mais artístico! Mais inventivo. Usar a arte? Mas foi a única disciplina que tive exame em toda vida. Eu sou enfermeira! Desenho só bonecos de palitos! Confesso que pensei em tudo isso, mas mais uma vez mergulhei. Cada vez mais fundo, mais entregue, mais UBUNTU.

Dos encantamentos produzidos pelos nossos contatos com a Escola Margarida,² localizada no interior do município, comecei a enxergar caminhos, trilhas itinerários para minha formação. *Sentindo encher de saúde mental coletiva a educação*. Com ajuda das diversas formas de invenção, delimiti uma proposta de trabalho e assim veio a construção do Projeto “Sarau da Cultura Afro-Brasileira”.

O Projeto do Sarau iniciou com encontros, entre residentes, comunidade e escola Margarida e foi de grande importância para meu trabalho, para minha formação e para a produção desta narrativa. Os desafios iniciaram pela produção do inventivo em mim, para posteriormente conseguir trabalhar com a escola, para a comunidade escolar embarcar nas marés do Projeto do Sarau.

1 Por meio de uma série de lutas e reivindicações, em especial articuladas pelo Movimento Negro, observa-se a necessidade de construir através da escola uma fonte de resistência às práticas discriminatórias, além de resgatar a história negra e abrir espaço para a discussão das relações raciais no Brasil. Para isso, foi promulgada a Lei Federal 10.639/03, que estabelece a obrigatoriedade do ensino da História e Cultura Afro-Brasileiras e Africanas nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares (SÁ OLIVEIRA; CUNHA JUNIOR, 2012).

2 O nome escolhido é fictício para preservar a identidade da escola na qual foram realizadas as atividades narradas neste artigo.

Desta vez, queríamos falar de outros modos sobre o negro, sobre a contribuição do negro no Brasil, acerca da África, da cultura afro-brasileira ou africana, sobre o racismo, a discriminação racial, entre outros temas importantes para a afirmação da negritude.

Poesia! Quem sabe um Sarau? Danças, músicas, histórias, comidas... Começamos a semear as sementes que já tinham sido plantadas com a ajuda das assessoras da escola.

Dos momentos de construção e realização do Sarau? Tenho retratos guardados na memória e escritos em diário de campo. Para mim, foram como poesias essas lembranças. Talvez por ter muita poesia nesses escritos? Forma bonita de refletir, aprender, lembrar, seguir, lutar. Dos retratos que consegui nessa formação em saúde mental coletiva é que construo minha formação de trabalhadora do SUS e de ser humano. Filosofia de vida UBUNTU. Trilhando na coletividade os processos de construção do amor à cultura negra, à exaltação. Vida pautada na filosofia africana, que a escola e a saúde constroem e, às vezes, não conseguem visualizar o quanto tem de força.

Treze de maio
(Oliveira Silveira)

Treze de maio traição,
liberdade sem asas
e fome sem pão

Liberdade de asas quebradas
como este verso

Liberdade asa sem corpo
sufoca no ar
se afoga no mar

Treze de maio – já dia 14
o Y da encruzilhada:
a seguir
banzar
voltar?

Treze de maio- já dia 14
A resposta gritante:
Pedir
Servir
Calar.

Os brancos não fizeram mais
Que meia obrigação

(SILVEIRA, 2012)

No decorrer da organização do Sarau, foram alguns encontros com a escola, reuniões de equipe, produções propostas pelas professoras, incentivo a iniciar o trabalho com os alunos, datas marcadas e desmarcadas. Desistir, pensar UBUNTU. A construção do “Sarau da Cultura Afro-Brasileira” foi uma trajetória de muito aprendizado. Pensar as relações étnico-raciais e saúde mental coletiva é, ao mesmo tempo, trilhar um caminho e segui-lo. Não temos modelo, temos invenção, inovação, coração, brilho no olho, amor, acreditar.

Hoje reconheço que neste trabalho trilhamos um caminho que perpassou pela filosofia UBUNTU, onde todo o processo do Sarau foi feito coletivamente entre professores e alunos, alunos e residentes, setor da inclusão e diversidade. Além disso, a potência da infância veio sempre junto, colada na possibilidade de que tudo seria lindo e muito cheio de surpresa e para acompanhar estava a discussão da verdadeira história e cultura Afro-Brasileira e Africana borrando ensaios de pensar também saúde mental coletiva e racismo e o que isso tem a ver com a infância.

A escolha da poesia para falar de negritude e subjetivação na infância dos negros e negras veio com a construção do Sarau, mas também deste percurso formativo que fui experienciando no setor da Inclusão e Diversidade e no Programa de Residência. É muito UBUNTU. A cada dia de trabalho, sentia que podia contar com essas pessoas, que tudo estava navegando em ventos fortes e calma e eu não estava sozinha. Eu era porque todos éramos. E, falando de poesias, trago uma de Oliveira Silveira (2015) que, em minha opinião, vai muito ao encontro da nossa proposta e do objetivo do Sarau.

Cabelos que negros

(Oliveira Silveira)

Sou negra do cabelo carapinha
Engruvinhado de molinha
Cabelo puro que dizem que é duro
Cabelo belo que eu não corto a zero
Não nego nem anulo

Assumo assino o pixaim
Cabelo bom que dizem que é ruim
Mas que normal ao natural
fica bem em mim!
Porque eu quero
Porque eu gosto

Porque sim!
Porque eu sou pessoa
Porque sou pessoa negra
E quero ser mais eu ser mais assim
Ser mais neguim!

Quanto à minha formação profissional em saúde mental coletiva e esta vivência do Sarau, tive muitos ganhos. Trabalhar de forma interdisciplinar, intersetorial, dialogar com políticas públicas que se interpõem, pensar em encher a educação de saúde mental coletiva, refletir sobre saúde mental e as relações étnico-raciais, fazer arte, ser arte, estar em estado de arte, lutar pelo fim dos manicômios e do racismo e muitas outras coisas. Falo de tudo e não caberia aqui, mas é porque sinto que de fato nesta Residência, com essas experiências, tive uma formação que ultrapassou muitos portões, pela aprendizagem na vida e em serviço.

Importante retomar o conceito de Saúde Mental Coletiva, segundo Fagundes (1992, p. 54):

[...] o processo construtor de sujeitos sociais desencadeadores de transformações nos modos de pensar, sentir e fazer política, ciência e gestão no cotidiano nas estruturas de mediação da sociedade, extinguindo e substituindo as práticas tradicionais por outras capazes de contribuir para criação de projetos de vida.

E então onde se encaixa o Sarau? Não, ele não se encaixa, está na arte e na vida, sem formatos.

Em relação a esta formação proporcionar um trabalho não somente com a rede de saúde, mas de modo intersetorial, ressalta-se os escritos do relatório da IV Conferência Nacional de Saúde Mental. (BRASIL. CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE, 2010) A convocação da intersectorialidade, de fato, foi um avanço radical em relação às conferências anteriores. Atende às exigências reais e concretas da mudança do modelo de atenção, trazendo para todos, com suas complexidades e pluralidade, as necessidades em saúde mental e a construção de estratégias inovadoras e intersectoriais de cuidado.

Sendo a residência uma modalidade de pós-graduação em serviço, que proporciona formação para trabalhadores do SUS de modo multiprofissional e interdisciplinar, buscando a constante invenção dos fazeres no trabalho vistas a qualificação deste sistema, Silva e Cabalero (2010, p.67) destacam que:

[...] pensar a dimensão pedagógica do trabalho torna-se relevante para a invenção de processos desterritorializantes, que produzam singularidades (e subjetividades) de maneira ética e política, com um cuidado que afirme, amplie e produza a vida.

O Sarau aconteceu conforme as produções de vida e arte, de modo coletivo: no espaço da sala de aula, nas invenções de professores e alunos, nas conversas no recreio, nas assessorias, na vontade de não ser racista que cada um de nós tem; no pensamento dos coletivos de trabalhadoras e residentes do setor da inclusão e diversidade, no desejo de subjetivar de outros modos crianças e adultos, no desejo de subjetivar de outros modos crianças e adultos negros deste país. Agia nesse Sarau uma equipe multidisciplinar, um coletivo com formações em educação e em saúde.

E os projetos de vida podem ser trabalhados, afinal, queremos uma sociedade diferente? Para isso a sociedade não pode ser racista. E pensar o uso do Sarau como modo de transformar este modelo hegemônico de discriminação vigente era também desmanchar manicômios. Coletividade e vida, pensar, sentir e agir de modo diferente com os diferentes, usando da poesia, da dança, da música e potência de criação dos sujeitos envolvidos.

Mas e a saúde mental coletiva e as relações étnico-raciais? Esta pergunta ainda persiste e não será nesta formação que vou responder, ou melhor, nunca vou responder, vou tentar fazer. Levar esta discussão para a escola, para o posto de saúde, para o Centro de Atenção Psicossocial (CAPS), para a universidade, para a gestão, para os colegas, para a enfermagem, para todos e todas. Pensar, discutir e agir sobre o que convoca o racismo na saúde mental da sociedade. Isso é exercitar a cidadania, pensar que falamos de saúde de um sociedade que está subjetivada a anos pelo mal social chamado racismo.

Uma história interdisciplinar na educação: formação em saúde mental coletiva

O Setor Inclusão e Diversidade trouxe, para cada dia no campo, uma descoberta de vida e de um novo fazer na educação, contando com ferramentas e dispositivos que trago da saúde. A interdisciplinaridade é algo bem discutido conceitualmente na área da saúde e também faz parte da proposta da Residência, mas o convite para fazer um grupo interdisciplinar na escola, com alunos da inclusão, ainda não tinha ouvido falar e fiquei muito empolgada para começar.

Na Escola Margarida, não por coincidência, tinha um menino negro que era alvo de reclamações da coordenadora toda vez que conversávamos. Já que estávamos por lá construindo o Sarau e falando sobre a diversidade étnico-racial, por que não acompanhar o belo sorriso do Akins?³

Muitas conversas, algumas poesias, preceptorias, mais um sorriso a cada manhã com as Assessoras da Inclusão e lá fomos nós novamente. Primeiramente fazer as combinações com a coordenação da escola e conhecer a professora que acompanha Akins na sala de recurso e que iria fazer comigo um grupo de trabalho. A proposta do grupo já acontecia por iniciativa e incentivo das trabalhadoras da inclusão, porém em outras escolas, e eu estava ansiosa para iniciar. Tinha no horizonte mais que a inclusão, enxergava a saúde mental coletiva construindo modos de fazer educação na inclusão e dialogando com a necessidade do olhar para as relações étnico-raciais.

Na perspectiva deste fazer é que visualizei o conceito e a aplicação da Clínica Ampliada e da Reforma Psiquiátrica. Para mim tudo estava se encaixando e fazia muito sentido, desconstruir manicômios mentais, começando pelos julgamentos prévios sobre a aprendizagem de um aluno:

- ele aprende ou não
- por isto tem um lugar de exclusão
- porque é negro
- e vem de uma família que não aprende
- não toma banho
- não sabe ler
- não, não, não! (do meu diário de campo, 2013)

Utiliza-se o conceito da Clínica Ampliada (BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2012) por tais práticas constituírem-se em ferramentas de articulação e inclusão de diferentes saberes no cuidado. Possibilitando assim construir processos de cuidado em saúde compartilhados coletivamente, centrados no andar da vida dos sujeitos. A Clínica Ampliada busca construir sínteses singulares, tencionando os limites de cada matriz disciplinar. Ela coloca em primeiro plano a situação real do trabalho em saúde, vivida a cada instante por sujeitos reais.

Quanto aos referenciais teóricos e práticos da Reforma Psiquiátrica⁴, e a relação com este trabalho, visualizam-se os fazeres para além da necessidade de mudanças de espaço físico que possam receber crianças ou adultos em situação de exclusão. Não é suficiente criar espaços ou escolas de inclusão, assim como não é só fechar manicômios e abrir CAPS que se faz a Reforma.

Identifico que precisamos dar lugar na escola para as diferentes formas de aprendizagem e produção; é lugar social da loucura, é lugar social do aluno que não aprende, que não deve estar entre os outros considerados com sanidade, aprendentes e normais. É por estas questões que este trabalho me proporcionou pensar na possibilidade de ampliar a Clínica, reformar modos de inclusão na educação. A Clínica em ampliação permite um lugar para cada diferença, para todas as diferenças do espaço escolar, assim como potencializa a convivência das

3 O nome escolhido é fictício para preservar a identidade do aluno acompanhado. Akins é um nome de origem africana, origem Ioruba na África Ocidental e significa “Menino Valente”.

4 Para Yasui (2006, p. 93), a Reforma Psiquiátrica ao romper com a visão biológica reducionista e produzir uma desmontagem dos conceitos basilares da psiquiatria, propõe construir/tecer/inventar o seu campo teórico-conceitual estabelecendo um amplo, profundo e radical diálogo entre as diferentes disciplinas e conhecimentos que tratam do humano. Para além de uma reforma de serviços, a Reforma Psiquiátrica tem como objetivo maior que a reorientação do modelo assistencial seja a transformação do lugar social da loucura.

diferentes formas de aprender e produzir, também coloca os atores envolvidos em lugar de construção sobre a vida, sobre a humanidade.

O trabalho iniciou pela escolha do nome do grupo para o Sarau, junto com a turma. Akins ajudaria as “professoras” a organizar as sugestões de nomes no quadro e fazer a votação. Foram várias sugestões, mas a escolha foi: “Quinta-feira da Alegria” Nesse dia, elencamos as atividades que queríamos que estivessem na quinta-feira. E consegui conversar com a professora da turma e a professora da sala de recursos que acompanhava o Akins sobre unir as atividades propostas pelos alunos com as temáticas curriculares.

Beijos, abraços, o sorriso largo do Akins com sua timidez de muito poucas palavras, assim terminamos nosso primeiro dia. Tia ou professora e enfermeira? professora-enfermeira. Ou Residente? Vi neste dia o romper do disciplinar, o trabalho ser de educação e saúde, e não com foco em transtorno, em doença, em deficiência, em dificuldade de aprendizagem ou em currículo: mas em vida!

E a formação em saúde mental coletiva? Acredito que pensar as cidades e todos os outros espaços de vida é como se faz saúde e assim se contribui para a saúde mental. É o melhor campo para formação de trabalhadores do SUS – as cidades. Trabalhadores que estão em serviço, construindo redes, desconstruindo tramas de negação da vida, incluindo na escola, na interdisciplinaridade da saúde e da educação. A história interdisciplinar na educação honrou a “Quinta-feira da alegria”, pois a cada tarde de atividades com a turma brotava mais alegria. Alegria advinda do nosso fazer como grupo, alegria dos alunos e alegria do Akins.

Das leituras que fazia pela busca do meu lugar na saúde mental coletiva, na formação em serviço, e que levava para a discussão nas preceptorias, comecei a perceber o grupo no qual eu estava percorrendo meu caminho, percebi também as aprendizagens no trabalho na educação. Fazer as conexões entre a inclusão e a Reforma Psiquiátrica, pensar o processo de fechamento dos manicômios na educação está muito ligado ao trabalho e à formação em saúde mental coletiva. Voltar o olhar para o outro, dar lugar a emergência do sujeito em sua singularidade, possibilitar todos os modos de aprender, para quê aprender e o que a aprender.

Quando iniciei o grupo interdisciplinar pensava o quanto a educação precisa se encher de saúde mental coletiva, e com o decorrer do grupo vejo o quanto de tarde em tarde fui plantando sementinhas e também colhendo frutos para minha vida e formação. Há a necessidade de um misturar com o outro, há a necessidade de comunicação e contaminação da saúde pela educação e da educação pela saúde.

Se o Akins corria para me abraçar e avisava em alto e bom tom que eu estava chegando, para mim isto era reflexo da potência dada a ele com o meu olhar, pois semanalmente estava na escola por sua causa. Além de mim a professora da sala de recursos, que também se deslocava de outra escola no turno da tarde, ia para a escola do Akins para fazermos juntas a nossa atividade. Pouco a pouco Akins foi alcançando um outro lugar na turma, com as professoras, com cada colega e estávamos, a meu ver, no caminho da afirmação da verdadeira inclusão. Aquela inclusão, que está tanto na proposição das Políticas de Educação quanto na Proposta de Reforma Psiquiátrica, que dá oportunidade a outros modos de fazer, de ler, de pintar, de dançar e, principalmente, no caso deste menino, de viver.

Estar semanalmente na escola fazendo o grupo, com diferentes ideias, com muitas atividades e os belos sorrisos do Akins, era como se pautássemos a potência de vida assinalada pela inclusão, pela diversidade do espaço social da escola, desmistificando as ideias e os preconceitos étnico-raciais que estavam ali. O olhar, o sorriso, o abraço e o beijo recebido do

Akins, demonstraram como investir o olhar, investir nos modos de olhar e ver o outro faz a inclusão acontecer nos sentidos, nas sensações, nas vidas.

Enquanto escrevia em meus diários de campo e pensava sobre o trabalho sendo realizado, lembrava-me dos seminários teóricos sobre Acompanhante Terapêutico (AT). Nas aulas dialogávamos sobre um modo de cuidar AT. Nesses pensamentos e escritos eu me desenhei com as professoras do grupo, a partir desse modo de cuidar, direcionado tanto ao Akins quanto à sua turma. No modo de cuidar AT, de acompanhar, de construir juntos, de ir e vir no processo de encontro das melhores formas para a vida, no modo de cuidar o caminhar singular, eu percebia nosso trabalho no grupo interdisciplinar sendo efetivado.

As reflexões do AT neste capítulo partem da compreensão do modo como Akins foi acompanhado neste processo do Grupo Interdisciplinar que, como dito na nomenclatura, “modo de cuidar AT”, fala das práticas que acompanham, que emprestam o olhar, da potência, e promove vida ao sujeito que muitas vezes precisa ser “acompanhado” para deslocar-se do lugar de não aprendente que é construído também a partir das relações étnico-raciais existentes em nosso país. Segundo Palombini (2006, p. 117),

O acompanhamento terapêutico e seu exercício – que se dá entre lugares, entre o serviço e a rua, entre o quarto e a sala, fora de lugar, a céu aberto – presentifica uma exigência que a reforma psiquiátrica vem colocar aos seus profissionais, seja qual for o dispositivo em causa: o fato de que uma clínica a serviço dos processos de desinstitucionalização coloca em jogo a desinstitucionalização da clínica mesma.

Tínhamos na turma em torno de doze crianças entre sete e nove anos. Infâncias sendo desabrochadas na escola pelo caminho da inclusão, da proposta de fazer com o outro, ajudar o colega, pintar em dupla, ouvir histórias e fazer teatro em grupo, plantar girassóis, fazer piquenique, correr, subir em árvores, pular corda, fazer do pátio da escola mais e mais terreno para as possibilidades de ser criança, de estar na infância e viver esta fase. A acolhida de uma AT (que passou a ser eu) para o Akins foi contagiante, todos os colegas queriam mostrar que podiam ajudá-lo e que ele podia fazer tudo, com um pouquinho de ajuda ele poderia participar com todos e de todas as propostas. Assim foram tardes e tardes deste *modo de cuidar AT* da infância na educação.

Como contei anteriormente, meu encontro com o Akins foi marcado pelas discussões das relações étnico-raciais na escola, na educação compondo com a saúde mental coletiva, e neste contexto discutindo também a questão da inclusão. E como convocar este encontro em um período curto de atuação de Residente, com grupos semanais na escola permeados por milhões de temas interessantes sugeridos pelos alunos, professoras, pela escola com suas intensas programações?

Sem certos ou errados, com bastante demanda de trabalho, correria, coisas belas acontecendo, e eu tentando participar de tudo, ao mesmo tempo eu não deixava de ir com poesias, com textos, ou com as conversas em preceptoria tentava sensibilizar os olhares para esta questão. Entre um Sarau e outro, pautando questões trazidas pela escola, lendo e relendo acerca das relações étnico-raciais, sobre o racismo e a discriminação racial, neste recorte da sociedade, na escola, me peguei cheia de perguntas para fazer ao campo ou a quem estivesse de seguir as minhas investidas no tema.

Muitas vezes eu me perguntava sobre o acompanhamento do Akins, e com o tempo de trabalho, até mesmo após as férias, quando ainda fui fazer atividades na sua casa, é que

percebi o quanto se pode com a força de investir nas potências das pessoas, emprestando o olhar atento, incentivador e amoroso ao professor e a toda escola. Pequeno o passo, mas importante para vencer preconceitos, para transpassar a discriminação racial e para enxergar que estamos em um caminho com algumas dúvidas, com muitas perguntas e sempre atrás da resposta, porém, antes de qualquer uma delas, dizer não à discriminação.

Talvez meu olhar tenha produzido o encontro da infância negra com a inclusão verdadeiramente, e isso não necessariamente tocou os coletivos em que estive inserida com a intensidade que escrevo e que estudo. Emprestando um olhar de possibilidades, afirmando a vida pela amorosidade, fugindo dos rótulos historicamente dados ao negro pela sociedade, sinto que a sementinha da inclusão foi plantada. O sorriso e a potência da infância podem regar todos os dias as práticas em sociedade até florescer a inclusão e os preconceitos desaparecerem.

Com tudo isso é que vou construindo a minha formação profissional, com a minha percepção sobre os fazeres em saúde mental coletiva totalmente ampliada a partir destas vivências.

REFLEXÕES, AMOROSIDADES E UTOPIAS FINAIS

Das experiências aqui descritas, busquei, assim como no percurso feito no campo de prática, encontrar traduções poéticas para minha formação. Eis que as narrativas aqui descritas carregam toda beleza dessa busca. Como se tudo estivesse predestinado no caminho da residência, encontrei a trilha dos meus desejos de trabalhadora, mulher, ser humano e militante. Por tudo isso, faz muito sentido narrar as itinerâncias, as mudanças de campo, as marcas deste campo em mim, o amor, as alegrias, os encontros...

Falo de amor, aquele que se constrói da/na/com a paixão. Foi assim, no meu percurso da Residência. Coração disparado com a lista de aprovação, adrenalina ao conhecer os colegas, euforia nas itinerâncias e escolhas dos campos, beijos e abraços dos colegas e trabalhadores das equipes. Tiveram também os momentos de decepção, de aprendizado, de cometer erros para aprender. Neste caminho todo se construiu o AMOR. Assim o tempo passa, mudamos de vida, de cidade, de trabalho, novos amores, mais amores, mas no coração aquele lugar já está marcado, ganha novo lugar.

Tentei aqui contar um pouco sobre os encontros que produziram saberes de vida e novos significados para o meu fazer em saúde mental coletiva. Encontros, experiências e itinerâncias vivenciadas a partir de uma formação e Residência. Saberes e fazeres da Atenção Psicossocial. Saberes e fazeres da educação, da inclusão e da saúde. Saberes e fazeres da saúde mental coletiva. Ao me deparar com as diferentes produções de saúde e doença nas relações étnico-raciais no campo da educação, é que percebi sua potência, a partir de práticas cotidianas, o que transborda em diferentes palavras, versos, autores nesta narrativa. A transformação é tão grande que tenho certeza que ainda vou passar muito tempo da minha vida vivendo e narrando os aprendizados destes encontros. Voltarei a rever as fotos tiradas durante todo este tempo em outro tempo, no tempo de trabalhadora do SUS que viveu uma formação em serviço.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. Relatório Final da IV Conferência Nacional de Saúde Mental: Intersetorial, 27 de junho a 01 de julho de 2010. Brasília: Conselho Nacional de Saúde/Ministério da Saúde, 2010.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Clínica ampliada e compartilhada. Brasília: Ed. Ministério da Saúde, 2012.
- FAGUNDES, S.M.S. Saúde mental coletiva: a construção no Rio Grande do Sul. Saúde mental coletiva. Revista do Fórum Gaúcho de Saúde Mental, [S.l.], (reedição), v. 1, n. 1, p.51-4, 1992.
- KIRST, P.G. et al. Conhecimentos e cartografia: tempestade de possíveis. In: FONSECA, T.M.G ; KIRST, P.G. (Orgs). Cartografias e devires a construção do presente. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2003. p. 91-101.
- MALOMALO, B. “Eu só existo porque nós existimos”: a ética Ubuntu. Revista do Instituto Humanistas, n. 353, p.19-22, dez. 2010.
- PALOMBINI, A. Acompanhamento terapêutico: dispositivo clínico-político. Revista Psychê, n. 18, p.115-27, set. 2006.
- SÁ OLIVEIRA, L.B.; CUNHA JÚNIOR, H.A. Revista África e Africanidades, Rio de Janeiro, n. 16/17, fev./maio 2012. Disponível em: <<http://www.africaeafricanidades.com.br/edicao16-17.html>>. Acesso em: 10 jan 2015.
- SILVA, Q.T.A.; CABALLERO, R.M.S. A micropolítica da formação profissional na produção do cuidado: devir-residência. In: FAJARDO, A.P.; ROCHA, C.M. F.; PASINI, V.L. (Orgs.). Residências em saúde: fazeres & saberes na formação em saúde. Porto Alegre: Hospital Nossa Senhora da Conceição, 2010. p.61-71.
- SILVEIRA, O. Cabelos que negros. Disponível em: <<http://oraliturafro.blogspot.com.br/2010/02/oliveira-silveira-cabelos-que-negros.html>>. Acesso em: 15 out. 2015.
- _____. Treze de maio. In: AUGUSTO, R. Oliveira Silveira: obra reunida. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, 2012.
- YASUI, S. Rupturas e encontros: desafios da Reforma Psiquiátrica Brasileira. 2006. 208f. Tese (Doutorado em Ciência nas áreas da saúde) - Escola Nacional de Saúde Pública. Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro. 2006.